O erro de Magalhães

Joaquim Alves Gaspar – Público, 2 de junho de 2024

Em 20 Setembro de 1519 partia da foz do rio Guadalquivir, a sul de Sevilha, uma frota de cinco navios comandada por Fernão de Magalhães, com a missão de chegar às Molucas navegando para ocidente. Eram quatro os desafios que esta missão se propunha vencer: encontrar uma passagem do Atlântico para o Pacífico; atravessar o Pacífico até às Molucas; provar que estas se situavam no hemisfério espanhol, à luz do Tratado de Tordesilhas; e regressar a Espanha, atravessando o grande oceano de oeste para leste.

Que razão teria levado a Coroa espanhola a aprovar uma missão tão arriscada, que consistia em atravessar meio mundo em frágeis navios de madeira, para chegar a cinco pequenas ilhas situadas no Sueste asiático? Porque nelas era cultivada uma especiaria altamente valorizada desde a Antiguidade, o cravinho-da-índia, cujo preço atingia valores astronómicos na Europa. Conseguir trazê-lo por mar, em grandes quantidades, era um propósito muito apetecível para a Coroa espanhola.

Mas porquê navegar para ocidente, atravessando territórios inexplorados, quando o caminho através do Atlântico e do Índico era bem conhecido? Pela simples razão de esse caminho estar interdito aos espanhóis pelos termos do Tratado de Tordesilhas, o qual tinha sido celebrado entre as Coroas ibéricas, em 1494, pouco depois de Cristóvão Colombo ter chegado ao Novo Mundo. Tinha-se então estabelecido uma linha imaginária, de pólo a pólo, a qual cortava a costa norte do Brasil junto à foz do Amazonas e dividia o mundo em dois hemisférios de influência: o hemisfério espanhol, para ocidente; e o hemisfério português, para oriente.

Na altura em que o tratado foi celebrado, as duas partes estavam somente interessadas em preservar e aumentar os territórios que até então tinham visitado: o Novo Mundo, pelos espanhóis; e a costa africana e Índia, pelos portugueses. É claro que se sabia, há muito, que a Terra era redonda; e que aquela linha divisória se estendia também para oriente. Exactamente para onde era um assunto que não interessava então aos governantes ibéricos.

Tudo mudou quando os portugueses conquistaram Malaca, em 1511, e daí prosseguiram as explorações mais para oriente, a fim de estabelecer contactos diplomáticos e comerciais com as ilhas das especiarias. Este facto despertou imediatamente a atenção da Coroa espanhola, levando-a a alegar que essas terras pertenciam a Castela, de acordo com o Tratado de Tordesilhas.

É importante lembrar que, naquela época, não era ainda possível determinar com rigor a longitude dos lugares e, dessa forma, saber exactamente onde passava a outra metade do meridiano de Tordesilhas. Os argumentos dos espanhóis eram então baseados não no conhecimento directo da região ou em quaisquer medidas de longitude, mas sim no modelo da Terra proposto pelo sábio grego Cláudio Ptolemeu 1400 anos antes, o mesmo que considerava que o oceano Índico era um grande lago fechado.

A proposta de Fernão de Magalhães ao rei Carlos I de Espanha de chegar às Molucas navegando para ocidente não poderia ser mais oportuna. Não só estava bem fundamentada na melhor cartografia oceânica da época (a portuguesa), mas também Magalhães tinha conhecimento pessoal da região e fazia-se acompanhar por reconhecidos especialistas em navegação, cartografia e astronomia. No célebre planisfério Kunstmann IV, encomendado por Magalhães em 1519 a fim de ser oferecido a Carlos I, as Molucas estavam claramente colocadas no hemisfério espanhol. Sabemos hoje que essa colocação não foi uma manipulação deliberada, destinada a persuadir a Coroa espanhola. Pelo contrário, era baseada na cartografia portuguesa da época e, em particular, numa carta do oceano Índico e Sueste asiático que Pedro Reinel, um dos autores do planisfério, desenhara um par de anos antes.

Na realidade, as Molucas situavam-se no hemisfério português. Como é possível que a melhor cartografia náutica da época cometesse um erro tão grosseiro? A razão encontra-se na forma como as cartas náuticas eram construídas. Não com base nas latitudes e longitudes dos lugares, como os mapas geográficos, mas sim a partir das rotas seguidas pelos navios no mar: isto é, dos rumos medidos com a agulha de marear (a bússola marítima), das latitudes determinadas através de observações astronómicas e das distâncias estimadas pelos pilotos. (…)

Poderíamos considerar que a missão de Magalhães foi um fracasso, uma vez que dois dos seus objectivos essenciais – provar que as Molucas estavam no hemisfério espanhol e regressar através do Pacífico – não foram atingidos. Na realidade, tratou-se da mais extraordinária viagem marítima de todos os tempos, pela qual se demonstrou que a Terra era circum-navegável e se estabeleceu uma nova rota marítima, entre o Novo Mundo e as Filipinas.

A Coroa espanhola nunca admitiu que as Ilhas das Especiarias se situavam no hemisfério português, e sempre se recusou a realizar novas observações astronómicas. Muito embora os resultados obtidos por San Martín fossem presumivelmente conhecidos por ambas as partes, nunca puderam ser invocados pelos portugueses, uma vez que a respectiva documentação, bem como os protagonistas directamente envolvidos tinham, entretanto, desaparecido. O Tratado de Saragoça (1529), no qual se acordou que Portugal continuaria na posse das Ilhas das Especiarias mediante o pagamento de uma avultada indemnização, veio a colocar um ponto final no diferendo entre os dois países.

https://www.publico.pt/2024/06/02/ciencia/noticia/erro-magalhaes-2091178